



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**



BEATRIZ DOS SANTOS SOARES

**AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: A RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO**

Amargosa-Ba

2021

BEATRIZ DOS SANTOS SOARES

**AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: A RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do Grau de Pedagoga.

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Sabrina Torres Gomes

Coorientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira

Amargosa-Ba

2021

BEATRIZ DOS SANTOS SOARES

**AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: A RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Licenciatura em Pedagogia, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do Grau de Pedagoga.

Amargosa, 29 de setembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Sabrina Torres Gomes
Prof(a) Orientadora



Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira
Prof(a) Coorientadora



Edmila Silva de Oliveira
Prof(a) Avaliador 1

“Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos”. (O pequeno príncipe)

Aos meus pais, Lourival e Regina, a minha eterna
gratidão. Essa conquista é nossa!

AGRADECIMENTOS

“Seja forte e corajoso! Não se apavore, nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar”.
(Josué 1:9)

Agradeço primeiramente a Deus por mais uma vitória alcançada em minha vida, pois sem Ele eu nada seria. Ele é a minha fortaleza para continuar a minha caminhada e espero que seja a primeira de muitas vitórias que estão por vir. Não foi fácil, mas eu consegui. As barreiras existem para serem superadas. Obrigada, Deus, pelo Teu cuidado, pelo Teu amor, por tudo que me concedeste. Meu sentimento é de gratidão por tudo até aqui!

Agradeço imensamente aos meus pais, meus guerreiros, minha mãe Regina dos Santos e meu pai Lourival Soares, pela motivação, pela dedicação, apoio, amor, carinho, companheirismo e conselhos. Obrigada por serem os meus maiores exemplos. Agradeço por todos os esforços que fazem e fizeram por mim em toda a minha trajetória de vida. Serei eternamente grata. Muito obrigada por tudo! Amo muito vocês!

Ao meu irmão Rhuan Soares, por todo amor, carinho e companheirismo.

Aos meus familiares, tios, tias, primos e primas, minha avó Maria da Conceição (*in memoria*) e meu avô Francisco Soares, que contribuíram para a realização de um sonho.

Agradeço ao Diego Santos, meu namorado, que esteve comigo me dando apoio nessa longa jornada.

Agradeço à minha companheira diária e amiga Beatriz Araujo pela parceria de sempre. Estávamos uma ao lado da outra, vencendo cada batalha e sorrindo a cada superação. Obrigada por ser essa pessoa tão doce, carinhosa, paciente e amorosa. Obrigada por tudo!

À minha amiga Elissandra Medrado, o presente que a UFRB me deu. Obrigada por sempre estar comigo. Agradeço pelo seu amor, alegria, conselhos e companheirismo. Que Deus te conserve assim, essa mulher excepcional. Nossa parceria deu certo! Só tenho a agradecer a Deus por ter te colocado em meu caminho. Obrigada por tudo amiga!

Agradeço às amigas que adquiri na Universidade, em especial Clediane Maurícia, Edriana Souza, Clélia Carvalho, Taiane Souza, Vanessa Neres, Kamilla Leal, Thamires Brandão, Kércia Moraes e Luana Chaves. Vivenciamos muitos momentos maravilhosos que estão marcados na minha memória e no meu coração. Amo vocês!

Agradeço à minha turma – Pedagogia 2016.1. Vivenciamos momentos de muitos aprendizados, estresses, alegrias, tristezas... Um verdadeiro bombardeio de emoções. Sou grata a Deus por cada um que passou em minha vida deixando a sua marca.

Agradeço à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Sabrina Gomes, e à minha coorientadora, Prof^a. Dr^a. Sirlândia Teixeira por aceitarem trilhar comigo esse caminho na construção da minha pesquisa. Agradeço pela dedicação, companheirismo, paciência e carinho. Muito obrigada!

SOARES, Beatriz dos Santos. **Afetividade e aprendizagem:** a relação professor-aluno. 39f. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Amargosa, 2021.

RESUMO

A presente pesquisa propõe reflexões acerca da relação professor-aluno, a qual pode gerar influências no processo de ensino e aprendizagem do sujeito. Diante disso, buscou-se analisar qual a importância que os professores da educação infantil atribuem à afetividade no processo de ensino e aprendizagem, além de diferenciar emoção, afeto e sentimento como forma de expressão humana e aprendizagem. Ainda, buscou-se compreender o papel do afeto na relação professor(a)-criança na educação infantil e identificar as possíveis relações entre afetividade e aprendizagem nas práticas docentes com crianças pequenas. Para tanto, é uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Foram utilizados alguns autores que defendem que a afetividade é um aspecto importante no processo de ensino e aprendizagem do educando na educação infantil, sendo eles ALMEIDA (1999), GALVÃO (1995), GRATIOT-ALFANDÉRY. H. (2010), KISHIMOTO (2005), MACHADO (1999), MAHONEY (2005), etc . Através da análise dos resultados, foi possível perceber que a afetividade é uma peça primordial na relação do professor com seu aluno, sendo que a educação pautada no afeto nos oferece a possibilidade de estabelecer uma educação tranquila e prazerosa.

Palavras-chave: Afetividade. Professor. Aluno. Ensino-aprendizagem. Desenvolvimento.

SOARES, Beatriz dos Santos. **Affection and learning: the teacher-student relationship.** 39f. Final Paper for the Licenciature Degree in Pedagogy Teacher Training Center, Federal University of Recôncavo da Bahia. Bitter, 2021.

ABSTRACT

This research proposes reflections on the teacher-student relationship, which can influence the teaching and learning process of the subject. Therefore, we sought to analyze the importance that early childhood education teachers attribute to affectivity in the teaching and learning process, in addition to differentiating emotion, affection and feeling as a form of human expression and learning. Furthermore, we sought to understand the role of affection in the teacher-child relationship in early childhood education and to identify possible relationships between affection and learning in teaching practices with young children. Therefore, it is a bibliographical research of a qualitative nature. Some authors who defend that affectivity is an important aspect in the teaching and learning process of the student in early childhood education were used, such as ALMEIDA (1999), GALVÃO (1995), GRATIOT-ALFANDÉRY. H. (2010), KISHIMOTO (2005), MACHADO (1999), MAHONEY (2005), etc. Through the analysis of the results, it was possible to see that affection is a key part in the relationship of the teacher with his student, and education based on affection offers us the possibility of establishing a peaceful and pleasant education.

Keywords: Affection. Teacher. Student. Teaching-learning. Development.

SUMÁRIO

1	PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES	10
2	METODOLOGIA	13
	2.1 INSTRUMENTOS.....	13
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
	3.1 A AFETIVIDADE COMO EXPRESSÃO HUMANA.....	15
	3.2 AFETIVIDADE, EMOÇÃO E SENTIMENTO: CONCEITOS COMPLEMENTARES.....	17
	3.3 AFETIVIDADE E MOTRICIDADE.....	21
	3.4 A EXPRESSÃO DA CRIANÇA PEQUENA COM FOCO NA AFETIVIDADE.....	24
	3.5 A RELAÇÃO PROFESSOR(A) – CRIANÇA NO CONTEXTO EDUCACIONAL INFANTIL.....	27
	3.6 ALGUNS APONTAMENTOS EM TORNO DA RELAÇÃO PROFESSOR- ALUNO NA ETAPA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO DA PANDEMIA POR COVID-19.....	33
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS	36

1 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho, intitulado “Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno”, propõe reflexões acerca do(a) professor(a), tendo como intuito descobrir de que forma a afetividade influencia na aprendizagem dos alunos da educação infantil.

Quando a criança é inserida no ambiente escolar, para ela tudo se torna uma novidade, e nesse espaço o educando passa a conviver com pessoas diferentes do seu convívio habitual. Logo a afetividade tem um papel marcante e significativo nesse processo de transição do sujeito (ALMEIDA,1999).

Nesse sentido, a afetividade pode ser compreendida como a arte de afetar o outro na sua diversidade de sensações e sentimentos, sendo estes manifestados através das ações e atitudes como o acolhimento, a compreensão, a empatia, o amor, o carinho, o cuidado, os valores, entre outros. Além disso, “a afetividade relaciona-se à sensibilidade ao se deixar sentir o mundo, é afetada por ele, em suas variadas possibilidades de interação” (LOOS-SANT’ANA; BARBOSA, 2017, p. 449).

A instância educacional é um espaço no qual são compartilhadas vivências, experiências, aprendizagens, além de conhecimentos construídos dentro e fora da sala de aula, nas conversas, nas brincadeiras, nos momentos de escuta, dentre outros. Estes são elementos que atuam no desenvolvimento pessoal, social e emocional. Por esse motivo, a escola exerce um papel de extrema importância na vida do educando, pois colabora para o seu crescimento(ALMEIDA,1999). Em vista disso, o(a) professor(a) é peça primordial, única e singular que atua ativamente no cotidiano escolar do indivíduo, percebendo as particularidades de cada sujeito.

É imprescindível destacar que a afetividade e a aprendizagem estão intimamente atreladas. Segundo Mahoney e Almeida (2005, p. 12), “o processo ensino-aprendizagem é o recurso fundamental do professor: sua compreensão, e o papel da afetividade nesse processo, é um elemento importante para a sua eficácia.” A presença do afeto na sala de aula pode contribuir para um avanço positivo na aprendizagem dos alunos e gerar ótimos resultados. Além do mais, é importante que o(a) professor(a) busque sempre manter uma boa relação com o educando.

Dessa maneira, é essencial que o professor/educador tenha um olhar cuidadoso, acolhedor, afetuoso, crítico e transformador, enxergando além do que está visível, compreendendo que a afetividade ultrapassa o amor, o carinho, o cuidado, respeitando as emoções e as limitações dos educandos, pois estes possuem processos de evolução distintos.

Neste sentido, reconhecer a origem dessa criança, valorizando os seus conhecimentos de mundo, levando em consideração os aprendizados obtidos fora da sala de aula torna o educando protagonista da sua aprendizagem, não sendo o professor o único detentor do saber. Portanto, são sujeitos sociais, produtores de cultura, que sentem, e que também podem transformar o mundo, independentemente de sua classe social e das barreiras que lhes são impostas.

A presente monografia se deu a partir de algumas vivências, pessoal e social, em uma escola particular e no ensino médio, no qual eu era bolsista¹, na cidade de São Felipe-Ba, onde me despertou o interesse em realizar a pesquisa. Quase toda a minha vida estudei na rede de ensino pública. Por ter conseguido uma bolsa no ensino médio, a qual obtive através de uma prova realizada pela instituição, meus pais decidiram me matricular.

De início, tive muitas dificuldades para me adaptar ao modelo da escola, pois estava passando por alguns problemas pessoais e familiares. Sendo assim, o meu rendimento caía cada vez mais, e a todo momento os professores estavam preocupados “em dar o seu conteúdo” e ver resultados. Nunes e Moraes (2018) afirmam que o professor/educador pode sim tentar buscar compreender as necessidades de seu aluno, pois “além das necessidades cognitivas trazidas pelos alunos existem também as necessidades afetivas, muitas vezes não satisfeitas e compreendidas no ambiente familiar” (NUNES; MORAES, 2018, p.302), o que acaba interferindo em seu desenvolvimento em sala de aula. Por isso é importante que o educador veja o seu aluno como um ser completo, pois afeto e aprendizagem podem caminhar juntos.

Ao adentrar na Universidade, no 2º semestre na disciplina de Psicologia da Aprendizagem e Desenvolvimento, foi solicitado para a turma um seminário com durabilidade de 8 horas, sendo este apresentado em 2 aulas com duração de 4 horas cada. A minha equipe ficou responsável em levar as abordagens de Henri Wallon, oportunidade em que explanamos conteúdos como afetividade e a sua influência na aprendizagem. Dessa forma, abordamos os estágios defendidos pelo autor, que são: estágio impulsivo emocional, estágio sensório-motor e projetivo, estágio do personalismo, estágio categorial e, por fim, estágio da puberdade e da adolescência. Diante disso, tive o primeiro contato com o teórico francês Henri Wallon (1879; 1962), o que me despertou um amplo interesse em pesquisar afetividade e aprendizagem na educação infantil, a qual é uma das fases mais importantes na vida de uma criança.

¹ O termo eu é utilizado por se tratar de uma marca pessoal e formativa.

Dessa maneira, é pertinente destacar que a afetividade perpassa despercebida por alguns professores, sem muita relevância. Muitos acreditam que a cognição e o afeto não trilham o mesmo caminho. Nesta perspectiva, neste estudo buscamos responder a seguinte questão, de que modo os professores da educação infantil abordam a afetividade na relação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem?

Portanto, para desenvolver a presente pesquisa, respondendo à questão apresentada, foram delimitados o objetivo geral e os objetivos específicos, os quais irão conduzir os encaminhamentos do meu trabalho de conclusão de curso. Nesse sentido, o objetivo geral consiste em: Compreender de que forma a afetividade, através da relação professor-criança contribui para a construção da aprendizagem na educação infantil. Os objetivos específicos delineados foram : 1. Diferenciar emoção, afeto e sentimento como forma primeira de expressão humana e aprendizagem; 2. Compreender o papel do afeto na relação professor-criança na educação infantil; 3. Identificar as possíveis relações entre afetividade e aprendizagem nas práticas docentes com crianças pequenas.

Dessa forma, a presente monografia está estruturada da seguinte forma: inicialmente, o primeiro capítulo está constituído com a introdução, onde será abordado brevemente o tema pesquisado e a motivação para a pesquisa, além de apresentar a questão norteadora da pesquisa e os objetivos geral e específicos. O segundo capítulo é composto pela metodologia, descrevendo então os caminhos percorridos para a realização deste estudo para chegar aos resultados.

Nesse seguimento, no terceiro capítulo encontra-se a fundamentação teórica, na qual serão apresentadas as seguintes discussões: o conceito de afetividade e a sua importância para o desenvolvimento humano, como também os conceitos de afetividade, emoção e sentimento defendidos por Wallon; afetividade e motricidade, sendo este um elemento de exteriorização da afetividade; logo após os estágios de desenvolvimento, que são os avanços que a criança detém ao longo dos anos; e a relação professor-aluno no contexto da educação infantil.

Por fim, apresenta-se o quarto capítulo, onde estarão as considerações finais.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa é caracterizada como pesquisa qualitativa e bibliográfica, pois possibilita o aprofundamento dos assuntos já pesquisados por outros autores, além de dar subsídios à construção da pesquisa. Segundo Fonseca (2002, p.31), a pesquisa bibliográfica “é feita a partir de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web, sites sobre o tema a estudar”. Dessa forma, neste estudo, a pesquisa bibliográfica cria caminhos para uma compreensão aprofundada diante do tema.

Os dados foram analisados qualitativamente. Nesse sentido, o pesquisador tem como alvo principal a compreensão do seu objeto de estudo (GUERRA, 2014). A autora Minayo (2012, p. 623) afirma que “o verbo principal da análise qualitativa é compreender. Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento”. É, portanto, de extrema importância exercitar a compreensão e empatia, pois são elementos importantes para a constituição da pesquisa.

Além disso, a pesquisa tem como peculiaridade seu cunho exploratório, que tem por objetivo “levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho” (SEVERINO, 2007, p.123).

É imprescindível destacar que, a princípio, esta pesquisa seria de campo, mas por conta da pandemia da covid-19 foram necessárias algumas modificações.

2.1 INSTRUMENTOS

A pesquisa ocorreu a partir da análise de livros, artigos, revistas e algumas plataformas digitais, como o *Google acadêmico* e *Scielo (Scientific Electronic Library Online)*, tendo como objetivo entender o tema desenvolvido. Diante disso, para o levantamento nas bases de dados foram utilizados os seguintes descritores: afetividade; ensino e aprendizagem; professor-aluno; e educação infantil. Foram estabelecidos critérios de busca, levando em consideração as publicações dentro do recorte temporal (entre o ano de 1996 à 2021), escritas na língua portuguesa.

A escolha dos arquivos se deu a partir daqueles que abordavam sobre o tema a ser estudado, totalizando dezoito (18) artigos e seis (6) livros, cada um com excelentes discussões que contribuiriam para o engrandecimento da pesquisa em questão. No que tange aos artigos, sete (7) abordam a afetividade e sua importância na relação do professor-aluno no processo de

ensino e aprendizagem, trazendo também reflexões acerca da motricidade e as fases de desenvolvimento, que são aspectos que compõem a teoria Walloniana, além de conceitos de sentimento e emoção.

Além disso, quatro (4) artigos versam sobre a educação infantil e formação de professores, destacando a educação infantil como o primeiro contato que a criança tem com a escola e a relevância da qualificação dos professores para lidar com esse público. Um (1) livro esclarece sobre a afetividade, dando ênfase para a importância de o professor considerar a emoção na sala de aula, além de trazer reflexões diante dos sentimentos, emoções e a presença da afetividade no ambiente escolar.

Outros dois (2) artigos falam exclusivamente da motricidade e aprendizagem destacando que a motricidade é a expressão da própria afetividade. Um (1) livro aborda especificamente cada estágio de desenvolvimento defendidos por Wallon e a relevância do reconhecimento do professor sobre cada fase para planejar e compreender a criança no contexto de sua realidade, tendo a concepção de que a criança avança continuamente e que os estímulos externos ajudam muito para que ela avance em seu desenvolvimento.

Um (1) artigo discorre sobre o desenvolvimento infantil através do jogo, ressaltando que os jogos e as brincadeiras podem contribuir para a aprendizagem dos alunos, pois as crianças podem aprender brincando. Um(1) artigo relata sobre a didática, que vem trazer reflexões acerca do ensino – o professor que ensina bem, que passa claramente o seu conteúdo, detém uma boa didática. Um (1) livro vem discutir sobre as práticas educativas, trazendo riquíssimas reflexões sobre como deve ser a prática do professor em sala e a importância de tornar os seus alunos autônomos da sua própria realidade, pois são seres históricos que pensam e constroem a sua realidade.

Dois (2) artigos abordam sobre os métodos que podem ser adotados em uma pesquisa. Um (1) livro discute os tipos de pesquisas que o sujeito pode adotar para a construção do seu trabalho e a sua importância. E, por fim, três(3) artigos trazem reflexões sobre o cenário pandêmico atual, abordando os desafios enfrentados pelos professores nesse contexto.

Diante disso, cabe ressaltar que a pesquisa bibliográfica nos oferece a possibilidade de conhecer mais sobre o tema pesquisado, ampliando então o nosso leque de conhecimentos e informações. Por esse motivo, é de extrema importância que o pesquisador se dedique a essas leituras para a compreensão do que está sendo estudado.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A AFETIVIDADE COMO EXPRESSÃO HUMANA

“É de se pensar! Do que cabe nesse riso! É de se perceber. Onde há amor, há sacrifício.” (O teatro mágico)

Para este início, é de grande importância destacar o conceito de afetividade. O afeto é um dos fatores que move o ser humano na sociedade e, assim, contagia uns aos outros, o que faz com que continue sendo disseminado no corpo social. Entretanto, pode-se considerar que nascemos afetivos e morremos afetivos. Contudo, é importante reconhecer que cada pessoa tem as suas particularidades, maneiras e formas de se expressar no mundo, como também de ser afetuosa. Dessa forma, o afeto é carregado de significados, histórias e vivências singulares que precisam ser respeitados.

De acordo com Ribeiro (2010, p. 403), existe uma infinidade de denominações para o termo afetividade. A autora afirma que ser afetivo está diretamente ligado às “atitudes e valores, comportamento moral e ético, desenvolvimento pessoal e social [...], sentimentos e emoções.” Perante o exposto, podemos ressaltar que através da afetividade podem haver demonstrações de alguns comportamentos, o que tornaria nítido, por exemplo, se uma situação alegre ou entristece determinado indivíduo. Com isso, essas características fazem parte da vida humana e contribuem para o desenvolvimento de cada sujeito. É através das relações sociais que isso acontece, pois é neste espaço que o indivíduo absorve crenças, valores, costumes, cultura, o que colabora para a formação do seu caráter e na convivência do eu e do outro.

Deste modo, é pertinente ressaltar que a afetividade também pode ser associada “à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno, por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis” (MAHONEY; ALMEIDA, 2010, p. 19). Considerando que estes afetos podem colaborar para que as pessoas sejam humanas e empáticas com aquelas que lhes rodeiam, conseqüentemente podem tornar a vida mais leve, menos desumana, fazendo com que seja compartilhado mais amor e com que os sujeitos desenvolvam a capacidade de se colocar no lugar do outro, ou seja, sentir a dor do próximo, que é algo escasso nos tempos atuais.

O grande precursor do estudo e defensor da afetividade foi o filósofo, médico e político francês Henry Wallon (1879-1962). Ele buscou compreender o ser humano em sua totalidade, pois acreditava ser impossível escolher uma única referência e afastá-lo do seu

conjunto. A pesquisa Walloniana aborda os campos funcionais, que na sua visão constituem o ser humano, sendo eles: a afetividade, o movimento e a inteligência. Para Wallon, o ser humano se determina por duas vertentes: “fisiológica e social” (GALVÃO, 1995, p. 20). Neste caso, a fisiológica se dispõe de situações internas que acontecem dentro de nós, estando diretamente ligada ao nosso metabolismo; já a social refere-se às situações externas que acontecem ao longo da vida (GALVÃO, 1995). Desta maneira, compreendemos que tanto a fisiológica e a social estão interligadas no sentido de uma depender da outra para o pleno desenvolvimento do sujeito.

O surgimento da afetividade ocorre antes mesmo da inteligência, desde quando a criança nasce. Desde o seu nascimento se expressa através do movimento e do choro. Nesse primeiro período, esta é a sua única forma de comunicação e são esses comportamentos que irão indicar as suas necessidades e garantir a sua sobrevivência, mantendo assim a sua relação com o seu meio. Além disso, favorece que a criança estabeleça um vínculo de reciprocidade com a mãe, o que conseqüentemente gera uma forte conexão afetiva, física e emocional (Wallon, 1993 apud ALMEIDA, 1999).

Com base nos estudos de Wallon, Mahoney e Almeida (2005) reforçam que na teoria psicogenética o desenvolvimento do sujeito vai se consolidar de duas maneiras. A primeira é a “integração organismo-meio” – nesse caso o meio social atua como elemento principal desse desenvolvimento, pois é neste espaço que a criança vai se dispor de elementos para praticar tudo o que ela aprende. O segundo aspecto é a “integração cognitiva-afetiva-motora”. Segundo a teoria Walloniana, esses três elementos são indissociáveis, uma vez que formam a pessoa completa. Por esse motivo, o autor defende que é impossível levar em consideração apenas um aspecto do ser humano.

Desse modo, o campo afetivo está associado às emoções, sentimentos e paixões. O campo motor refere-se à locomoção do corpo no ambiente, à postura, e é através dele que o sujeito experimenta as expressões da afetividade. O campo cognitivo está relacionado à inteligência, aos pensamentos, e por meio deste obtemos a capacidade de raciocinar, refletir, analisar o que já se passou e repensar a contemporaneidade. Esses conjuntos formam “a pessoa”, que manifesta-se no seu engrandecimento (MAHONEY; ALMEIDA, 2010).

Nesse sentido, o início do desenvolvimento humano acontece a partir da afetividade, isso por conta da emoção que faz parte da vida afetiva, sendo esta a primeira manifestação do bebê ao nascer. De acordo com Almeida (1999, p. 44), na “teoria Walloniana, a afetividade é o ponto de partida do desenvolvimento do indivíduo”, e esta perpassa por um avanço progressivo, chamado de estágios de desenvolvimento. A afetividade possui etapas evolutivas.

A partir desses estágios a criança vai obtendo um amadurecimento afetivo, motor e cognitivo, que são inseparáveis, e o sujeito passa a compreender melhor as situações à sua volta, se dispõe a vivenciar e superar desafios, aprendendo também a gerenciar seu campo afetivo. Em consonância, Sarnoski (2014) aponta que quando o sujeito fortalece a sua racionalização, por consequência obtém uma maior amplitude do afeto.

Segundo Miranda e Barreto (2016), o afeto é significativo na vida do ser humano, pois ajuda na formação de sua personalidade. Sendo assim, a escola precisa reconhecer a relevância do papel da afetividade na sala de aula, compreendendo que cada um tem o seu tempo de aprendizagem. Além do mais, a escola precisa levar em consideração o contexto de vida da criança em sala de aula.

Nessa perspectiva, na educação infantil, o meio social atua como peça principal nesse quebra-cabeça, pois é neste convívio diário que a criança absorve os seus valores, crenças e aprendizados, o que contribui para a formação de sua personalidade. “Portanto, sabemos que o sentido da aprendizagem é único e particular na vida de cada um, e que inúmeros são os fatores afetivos” (SARNOSKI, 2014, p. 4). Assim sendo, o afeto e a aprendizagem precisam andar juntos, pois contribuem para o avanço do campo cognitivo da criança, fazendo com que ela se sinta à vontade para ser quem ela é de verdade, além de sanar dúvidas e expor opiniões no espaço escolar.

Além do mais, possibilita apreciar o aluno não pelo que faz, e sim pelo que é. Quando o aluno está na escola, está ali por completo. Por isso, é importante que a escola tenha um olhar diferenciado para as crianças, o qual esteja, inclusive, além da condição intelectual, apresentando um cuidado para o contexto de vida do educando, pois, quando este afeto se faz presente, a aprendizagem se torna mais leve e prazerosa.

3.2 AFETIVIDADE, EMOÇÃO E SENTIMENTO: CONCEITOS COMPLEMENTARES

“Não se pode falar em educação, sem falar de amor.” (Paulo freire)

Nesta seção, debruçaremos sobre os conceitos de afetividade, emoção e sentimento, compreendendo que esses elementos são necessários no campo educacional, como também na vida, visto que a emoção e o sentimento fazem parte da integralização da afetividade, que acontece através das relações afetivas. É a partir destas que irá acontecer a expressão da

afetividade. O afeto se manifesta através das sensações, dos sentidos e o seu desenvolvimento acontece por meio da preparação social (RIBEIRO, 2010).

Por outro aspecto, a afetividade, em sua abrangência, pode ser entendida como “a mistura de diversos sentimentos, [...] amor, motivação, ciúme, raiva, entre outros.” (NUNES; MORAES, 2018, p. 179). Em vista disso, é possível compreender que através da afetividade podemos demonstrar o que sentimos, por exemplo: o choro como revelação de uma emoção, que indica que algo não vai bem, como também pode representar felicidade por um motivo específico; ou quando estamos alegres, que temos a tendência de darmos risadas, estampando um belo sorriso no rosto. Ou seja, cada corpo reage de uma maneira a determinadas emoções. A raiva, por exemplo, cada pessoa expressa de uma forma para enfrentar esse tipo de emoção. Algumas choram, outras ficam com o corpo tremendo, chegando ao ponto de perder o controle sobre as suas ações. Em consequência, estas são algumas características das emoções e nós, seres humanos, somos tendenciosos a agir por impulso, não pensando antes de agirmos.

Galvão (1995, p.39), com embasamento nos estudos da teoria Walloniana, diz que a “emoção encontra-se na origem da consciência, operando a passagem do mundo orgânico para o social, do plano fisiológico para o psíquico”. Ou seja, de início a emoção se revela de forma externa, na parte de fora do corpo, através das expressões faciais, tendo, como exemplo, o riso e as lágrimas. Em seguida, ela segue para o plano interno, que é onde ocorrem as alterações viscerais ou vasculares, conhecidas como reações fisiológicas, que são palpitações no coração, transpiração em algumas partes do corpo, falta de ar, sensação de desmaio, tremedeira, etc.

Por outro ponto, Mahoney e Almeida (2010, p. 20) definem que a emoção “é a exteriorização da afetividade [...], é a sua expressão corporal, motora, [...] é o primeiro contato entre o recurso de ligação entre o orgânico e o social”. O sujeito quando nasce já utiliza a emoção para se expressar através do choro, sendo este o seu primeiro contato fisiológico e coletivo. A princípio, nos seis meses do seu ciclo existencial, ainda não é possível identificar a multiplicidade de emoções que a criança detém, porém, a diversão e o receio são perceptíveis ao longo do seu avanço (ALMEIDA, 2000). A criança tem o adulto como o seu protetor e nele deposita a sua confiança. Então rapidamente começa a apresentar os seus anseios, demonstrando as emoções que mais a torna vulnerável perante as situações do cotidiano.

Nesse sentido, o sujeito é um ser que já nasce demonstrando e despertando as emoções através do choro. Sendo este de forma física, o choro é a expressão para as emoções e

sensações, seja fome, dor, incômodo ou algum aspecto físico. Com o passar do tempo, ao longo do desenvolvimento da criança e perante interações no meio social, ela vai desenvolvendo aspectos emocionais, e então surgem outras expressões e demonstrações além do choro.

Machado (1999) afirma que os sujeitos menores (crianças) são diferentes em suas personalidades, isto porque cada criança possui a sua cultura e o seu modo de ser e estar no mundo. Isso está diretamente ligado ao seu meio social. Algumas crianças são mais tranquilas; do contrário, outras são explosivas. As suas variadas emoções vão depender de fatores externos e internos.

Em concordância, Bezerra (2016) reitera que o ambiente social contribui para que a criança avance psicologicamente através da exploração do espaço onde vive, colaborando para a geração de novas aprendizagens. Os desentendimentos, as tribulações, são alicerces para as experiências humanas – momentos positivos e negativos são necessários para o seu crescimento.

Desta forma, algumas situações cotidianas que fazem parte da vida da criança, fazendo-a experienciar aspectos necessários ao seu crescimento, como passar por determinadas contrariedades, e esses aspectos dependem da vivência e do meio familiar e social no qual a criança vive, uma vez que, ao vivenciar situações contrárias às suas vontades, a criança aprende que nem tudo na vida acontece como ela pensa ou imagina, e então ela enfrenta uma emoção ou sentimento que não está acostumada. Essas vivências a fazem aprender, amadurecer e entender aspectos da vida.

Ao obter aprendizados e experiências, a criança passa a ter entendimentos sobre determinadas emoções, o que conseqüentemente a leva a amadurecer sobre situações que acontecem na vida, entendendo que nem todas acontecem de forma positiva para si própria. Isso resulta numa autonomia, levando-a a entender e aceitar suas emoções e sentimentos.

Além da emoção, o sentimento faz parte dessa esfera afetiva. De acordo com Mosquera e Stobaüs (2006, p. 128), “o sentimento é um espelho da realidade da qual se manifesta uma atitude subjetiva do indivíduo, fundamentada em sua atividade fisiológica cerebral, inicialmente é interna, depois no seu comportamento manifesto socialmente.”

Ainda, podemos ressaltar que a demonstração de alguns sentimentos varia de pessoa para pessoa, variando também entre lugares, ambientes, culturas e a forma como o meio familiar retrata e entende as emoções e os sentimentos. Podemos exemplificar que em determinadas família é normal que haja demonstração de afeto e sentimentos, como um jeito próprio de cada família. Já em outros meios a demonstração de afeto físico, como abraçar ou

beijar, não acontece tanto, mas se expressa de outras maneiras, como através de palavras, por exemplo.

Desta forma, podemos perceber que em cada meio social ou familiar se entende as emoções e os sentimentos de forma diversificada, e isso também vai passando de pessoa para pessoa. Existem pessoas que possuem mais facilidade em demonstrar a raiva ou a tristeza de forma física, como o choro ou a expressão facial. Já outras costumam usar a fuga do disfarce para não demonstrar ou expressar tal emoção. Com isso, podemos perceber que nem todos demonstram ou expressam as emoções e sentimentos de forma direta e física, uma vez que cada um tem um jeito próprio de sentir e de viver as emoções.

Mahoney e Almeida (2010, p.21) apontam que “o sentimento corresponde à expressão representacional da afetividade. Não implica reações instantâneas e diretas como na emoção”. Precisamente, o sentimento é o inverso da emoção. Enquanto na emoção a pessoa age com impulsividade, sem antes raciocinar para pensar no que está fazendo, no sentimento existe uma consciência daquilo que se está sentindo e fazendo (ALMEIDA, 2000).

Desta maneira, a emoção é contrária ao sentimento, pois a sua expressão acontece por meio de gestos impulsivos que representam essa emoção momentânea. Já no sentimento, que é interno, primeiramente a pessoa que sente busca entender e compreender aquilo que está sentindo para então demonstrar de forma concisa esse sentimento, o que explica que o sentimento, a princípio, passa pelo nosso eu interno, para depois ser esclarecido através das nossas ações.

À vista disso, afetividade, emoção e sentimento não se separam, sempre vão estar juntos no elo afetivo humano. Em cada ato que realizamos, seja qual for o objetivo, as nossas ações sempre estarão carregadas de sentimentos e emoções, demonstrando como nos sentimos no momento. Além do mais, “são nossos afetos que dão o colorido especial à conduta de cada um e às nossas vidas [...], é o que nos faz viver” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001, p.248). Sob esta ótica, afetividade, emoção e sentimento direcionam nossas ações e comportamentos perante demonstrações. Quando demonstramos nossas emoções e sentimentos, buscamos ter gestos afetivos, sendo isto um ato de transmitir o que estamos sentindo internamente. Como os sentimentos não podem ser vistos e nem tocados, podemos senti-los e demonstrá-los por meio de nossas ações no meio social, perante aquilo que sentimos. Isso diz muito sobre nosso lado afetivo, e permitir sentir e demonstrar de forma afetiva é transmitir o que estamos sentindo.

3.3 AFETIVIDADE E MOTRICIDADE

“Esta menina tão pequenina quer ser bailarina. Não conhece nem dó nem ré mas sabe ficar na ponta do pé.”(Trecho de A bailarina – Cecília Meireles)

É impossível falar de afetividade sem motricidade, pois elas estão totalmente interligadas no processo de desenvolvimento da vida humana.

Motricidade é um termo muito utilizado na teoria Walloniana, constituindo-se num ato que depende inteiramente das ações e movimentos que a criança desempenha ao longo de sua vida. Kolyniak Filho (2010) afirma que a motricidade se estabelece no biológico, no contato social e histórico do indivíduo. Já sabemos que o bebê, desde o seu nascimento, começa a se expressar através do movimento e do choro. Até então é a sua principal forma de linguagem e comunicação. Assim, ao longo dos dias e do desenvolvimento a criança vai aprendendo a evoluir em seus movimentos como forma de interação no meio social em que está inserida.

A criança, com o passar dos anos, vai adquirindo conhecimento e começa a organizar os seus pensamentos para agir, transformando-os em ações. Diante disso, o movimento e a inteligência começam a atuar de forma conjunta, tendo então uma esquematização intelectual de seus atos antes de realizá-los. Essas movimentações inicialmente se dão a partir da observação de tudo o que acontece ao seu redor. O indivíduo primeiro vê para depois internalizar e repetir os mesmos movimentos, tentando fazer igual. Desse modo a criança vai avançando cada vez mais (GALVÃO, 1995).

Desta maneira, durante suas vivências, a criança passa a repetir os mesmos comportamentos e ações dos adultos à sua volta, o que condiz com a socialização e interação dos pais com a criança.

De acordo com Kolyniak Filho (2010), com base nos estudos de Wallon, existem dois tipos de movimentos, sendo eles: os involuntários e os voluntários. Os movimentos involuntários “são controlados por vias nervosas subcorticais (cerebelo, vias extrapiramidais, formação reticular e outras)” (KOLYNIK FILHO, 2010, p. 56-57). O autor afirma que o avanço desses movimentos involuntários precisam de estímulos por parte do seu convívio social. Por isto, é importante estimular a criança a tocar em vários materiais, incentivar a observação de iluminação, cores, faces, escutar canções, sentir o cheiro de perfumes, degustar e saber diferenciar os alimentos, entre outros. Tudo isso ajuda a criança a se desenvolver em seus movimentos involuntários, pois o estímulo contribui para que o indivíduo comece a progredir no seu campo motor.

Já o movimento voluntário pode ser compreendido como o resultado da aprendizagem desses movimentos no seu elo social, que é aprendido com seus familiares e pessoas próximas. Nesse seguimento, podemos exemplificar o bom dia, o boa tarde, o boa noite, arrumar a cama e a casa, tomar banho, escovar os dentes, pentear os cabelos, consumir alimentos, como se comportar quando chegar em algum lugar, como respeitar o próximo, entre outros (KOLYNIK FILHO, 2010).

Além dessa proposta, vemos a importância de os pais e das pessoas que interagem com a criança utilizarem de ferramentas e estratégias para estimular e aguçar essas potencialidades e esses movimentos, o que contribui positivamente para o desenvolvimento cognitivo e motor da mesma.

Em sua teoria, Wallon defende que as teorias mentais estão diretamente ligadas ao controle e movimento corporal. Segundo o autor, essas disciplinas mentais vão ocorrer depois dos 6 anos de idade. Na escola quando se pede à criança para que sente, por alguns minutos ela atende a esse pedido, mas logo depois volta a repetir a ação de antes. Isso ocorre porque a “consolidação das disciplinas mentais é um processo lento e gradual, que depende não só de condições neurológicas, mas também [...] fatores de origem social, como desenvolvimento da linguagem e aquisição do conhecimento” (GALVÃO, 1995, p.54).

Desta forma, ao longo dos anos a criança vai adquirindo capacidades intelectuais e conscientes sobre suas próprias ações, até um determinado momento, quando realiza e faz ações que não são premeditadas conscientemente, pois algumas ações são realizadas pela criança por ordem ou a pedido de outras pessoas, e não por consciência de como deve se comportar ou realizar determinadas ações por ser o correto. Essas características dependem também de como o meio da criança influencia e interfere no desenvolvimento de suas ações conscientemente.

Neste viés, os autores Freire *et al.* (2010) acrescentam que a escola com o seu modelo tradicional insiste em limitar a criança no que tange à sua movimentação, enxergando-a como um ser estático que deve estar sentada em sua carteira realizando atividade. Por outro aspecto, o jogo e as atividades lúdicas podem ser grandes aliados no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o adulto deve se tornar um influenciador de brincadeiras, buscando interferir de forma consciente, que estimule o avanço dos sujeitos em questão.

O adulto/educador deve considerar a importância dos jogos, brincadeiras e da ludicidade na sala de aula, pois estas possibilitam um momento de descontração, movimentação do corpo, gerando sempre uma nova aprendizagem. Uma vez que existe uma diversidade de jogos e brincadeiras e nem todas as crianças detêm conhecimento sobre eles, o

professor pode levar para o espaço escolar as brincadeiras antigas, pois tudo isso gera certo interesse por parte dos alunos. Ainda, atualmente vivemos em uma era tecnológica, onde muitas crianças só querem estar a todo tempo no celular. Desse modo, o resgate dessas brincadeiras podem contribuir para o desapego do telefone celular, pois quando as crianças gostam da brincadeira querem repetir.

Nesse sentido, o autor Kolyniak Filho (2010) destaca ainda que a motricidade e a aprendizagem andam de mãos dadas, e no âmbito educacional isto deve ser levado em consideração. Através da aprendizagem no ambiente escolar e da socialização da criança na escola, esta pode desenvolver a motricidade perante as práticas e as ferramentas utilizadas no âmbito educacional. Além disso, traz uma crítica à Pedagogia tradicional, afirmando que nesse modelo de ensino acredita-se que o corpo e a mente são ambivalentes, onde o aluno deve sempre manter a sua postura em sua cadeira. Contudo, nos dias de hoje não precisamos nos enquadrar a esse modelo de ensino, uma vez que a criança é um ser completo e precisamos adotá-la dessa forma na sala de aula, reconhecendo suas emoções, limitações, estimulando sempre o seu desenvolvimento e aprendizagem.

Afinal, aprendizagem e educação não se limitam apenas a aulas teóricas, com o aluno sentado na cadeira, ouvindo os professores, mas ao lúdico, movimentos e atividades práticas, que resultam em aprendizagens significativas e importantes para a criança.

Diante disso, Carvalho (2003, p.87) afirma que o professor precisa:

Envolver os educandos no meio físico-cultural, desafiá-los para que este seja explorado, descoberto, observado pesquisado e transformado. É o momento de aguçar os sentidos dos educandos, de mobilizá-los (fazê-los moverem-se), de estimular a curiosidade e incentivar a criatividade.

Neste sentido, o professor/educador pode ser uma fonte de estímulo para as crianças, criando desafios, mostrando o quanto ela é capaz de progredir e avançar, fazendo com que ela acredite no seu potencial.

Logo, o profissional docente, através de sua prática pedagógica, potencializa a visão crítica dos alunos, aproximando os ensinamentos e as aprendizagens condizentes com a realidade social, cultural e o contexto no qual a criança está inserida. Assim suas aprendizagens, estarão dentro de sua realidade e vivência e por meio da prática o professor estimula o aluno a pensar, refletir e pesquisar.

3.4 A EXPRESSÃO DA CRIANÇA PEQUENA COM FOCO NA AFETIVIDADE

“Bagunça de criança. É alegria bailando no olho do furacão...” (Trecho da música Bagunça de criança, Mundo Bitá)

É possível consolidar e perceber o quanto a afetividade está presente em nossas vidas cotidianamente, em um bom dia, em um abraço ou até mesmo em um até logo. Somos afetivos em tudo o que realizamos.

Com ênfase nos estudos Wallonianos, Gratiot-Alfandéry (2010, p.48) “Cada idade da criança é como um canteiro de obras cuja atividade presente é assegurada por certos órgãos, enquanto se edificam massas imponentes, que só terão uma razão de ser em idades posteriores”. O desenvolvimento da criança é um processo contínuo de evolução. A cada dia surge uma nova descoberta e habilidades, até então desconhecidas.

Ainda assim, “a identificação das características de cada estágio pelo professor permitirá planejar atividades que promovam um entrosamento mais produtivo” (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 15). Dessa maneira, além de ter conhecimento das etapas de desenvolvimento para provimento das atividades em sala de aula, conhecer o educando, seu meio social, saber do que ele gosta, faz surgir uma relação afetiva entre professor e aluno que vai muito além do aprendizado.

Ampliando essa temática, a afetividade acontece de forma crescente. Para isto, é necessário compreender os 5 estágios definidos por Wallon, os quais perpassam na vida do ser humano.

Segundo Duarte e Gulassa (2000), com embasamento nos estudos de Wallon, o primeiro estágio é o impulsivo emocional, que acontece de 0 a 12 meses de idade. É onde ocorre o primeiro contato com a afetividade, que é carregada de pura emoção. Nesse momento, é através da emoção que a criança começa a socializar com o meio externo.

Mahoney (2000, p. 13) reitera que nesta fase “predominam atividades que visam à exploração do próprio corpo em relação às suas sensibilidades internas e externas.” O indivíduo começa a experimentar um mundo de sensações – uma delas é a fome. Nesse período, para anunciar que está querendo se alimentar, a criança começa a chorar. Logo a mãe entende a sua necessidade. Desta forma, nesse estágio a criança utiliza o choro para expressar toda e qualquer emoção ou sensação presente em seu corpo, de forma involuntária e impulsiva, uma forma de anunciar e se comunicar.

Então, aos poucos, a criança vai obtendo experiências através dessas comoções, porém, ainda não é capaz de distinguir cada uma. Além do mais, o ponto de partida da afetividade se dá nesse estágio (DUARTE; GULASSA, 2000).

Por conseguinte, em torno de 1 ano até os 3 anos de idade, ocorre o segundo estágio, definido por Wallon como estágio sensório-motor e projetivo. Este é definido pela observação e aproveitamento do seu ambiente, ou seja, da sua realidade, no qual a criança passa a ter um contato evidente com os objetos externos.

Nesse primeiro momento, a criança começa a entender a sua realidade através do seu intelecto e estabelece a organização dos pensamentos. Ainda, usa os olhos para observar ao seu redor e se utiliza da manipulação de utensílios como uma forma de interagir com o ambiente em que está inserida.

O segundo momento desse estágio é a etapa projetiva, que está ligada a parte mental do sujeito, em que começa a manifestar o que pensa através dos movimentos, a inteligência começa a ganhar espaço e a partir dela a criança começa a edificar a sua vivência. Começa a percorrer o espaço onde vive e seu dialeto já começa a se desenvolver. Nesse momento ocorrem dois deslocamentos projetivos: o primeiro é a imitação, em que o indivíduo começa a observar as pessoas próximas e tê-las como referência, porém, não expõe isso para o seu grupo; e o segundo é o simulacro, que é parecido com a imitação e se diferencia por conta da criança repetir os gestos e ações (COSTA, 2000).

Além disso, é importante destacar que é nesta fase que a criança é inserida na escola. Por esse motivo, faz-se necessário que a comunidade escolar acolha de forma responsável as crianças no seu processo de adaptação escolar, pois neste momento a criança está se desvinculando da sua família passando a conviver com novas pessoas (MACHADO, 1999).

O terceiro estágio se chama estágio do personalismo. Como o próprio nome já diz, neste momento ocorre a formação da personalidade da criança (BASTOS; DÉR, 2000). Neste caso, é o momento em que a criança vai se desenvolvendo conscientemente, percebendo, por exemplo, o que gosta e o que não gosta de comer ou de beber. Também, em certos momentos já expõe seus gostos, o que agrada e não agrada, até mesmo sua forma de agir e responder a determinadas situações. Esta fase está ligada também ao meio social e ao contexto cultural em que a criança está inserida, afinal, a interação e a socialização com o outro interfere e influencia no pensamento, gestos e ações da criança, uma vez que ela aprende mediante sua relação consigo e com o outro.

Segundo Bastos e DéR (2000, p. 40), “na teoria Walloniana, a relação entre os progressos da afetividade e os da inteligência só podem ser compreendidos a partir de uma

relação de reciprocidade e de interdependência.” É nesse estágio que a criança se constitui, conhece o seu eu enquanto indivíduo ativo na sociedade e passa a se reconhecer no mundo através do outro, pois a aprendizagem acontece através do outro. A afetividade está atrelada totalmente à inteligência, podendo acontecer um enorme avanço na aprendizagem da criança. Logo se torna visível a importância do(a) educador(a), tendo essa visão para se obter melhores resultados.

Assim sendo, Bastos e Dér (2000, p. 45) revelam que:

Esse estágio é caracterizado por um intenso trabalho afetivo e moral. O segredo impõe-se à consciência infantil; a criança já sabe distinguir entre o que deve ser e sua vida secreta, isto é, sabe dissimular sentimentos e atitudes que poderiam ser desaprovados pelo adulto, guardando-os para si.

Além do mais, o meio familiar e a escola colaboram para o avanço da criança. Primeiro que a família é foco principal do sujeito, então ele a tem como seu porto seguro. Neste sentido, reconhecemos que uma das funções da família é esse papel de espelho, transmitindo saberes para os seus filhos, desde que seja para o seu crescimento pessoal. Dessa maneira, as relações da criança com o seu meio podem ser marcadas por influências recíprocas, podendo ocorrer ocasiões ou motivos para que elas se revelem ou se realizem (BASTOS; DÉR, 2000).

Já o espaço escolar atua como peça-chave na vida da criança. Além de propiciar o contato com pessoas diferentes das quais está habituada, a criança vai obter novos aprendizados que irão contribuir para o seu avanço afetivo, cognitivo e motor.

O penúltimo estágio é o categorial, que acontece a partir dos 06 aos 11 anos de idade. Amaral (2000, p. 51) afirma que “é uma idade que aparece no conjunto da evolução mental como de estabilidade relativa, com progressos regulares, se comparada ao período de crises profundas que se abrem na adolescência.” Nesse momento, a criança prossegue em constante evolução no âmbito da afetividade, motricidade e inteligência e suas ações e gestos são coesos, porque já possuem um certo amadurecimento.

Para mais, nesse período há a constituição de dois pensamentos: o pensamento por pares e o pensamento categorial. No primeiro o sujeito já possui uma visão formada perante os acontecimentos, ideais, entre outros. Porém, pode haver confusão da criança em seus pensamentos em alguns momentos (AMARAL, 2000). Já no segundo momento desse estágio o pensamento categorial ocorre após os 9/10 anos de idade, ea criança passa a se organizar intelectualmente, identifica, analisa e classifica objetos e situações, estruturando de forma lógica a realidade à sua volta (AMARAL, 2000).

Por fim, no último estágio, da puberdade e da adolescência, o adolescente começa a testar os seus sentimentos sem medo, com muita coragem e adrenalina, porém as suas expectativas às vezes não são alcançadas, o que causa um desequilíbrio emocional e rebeldia diante dos pais (DÉR; FERRARI, 2000).

É de extrema relevância que o corpo escolar conheça as etapas evolutivas do desenvolvimento infantil. A depender do público alvo a ser trabalhado, é necessário ter conhecimento em qual fase a criança se encontra naquele momento para que as atividades sejam desenvolvidas a partir deste ponto, como também de suas necessidades pessoais.

Bezerra (2006, p. 24) afirma que “A escola comete erros porque desconhece as várias fases de desenvolvimento da mente humana; erra também por não conhecer conteúdos culturais que possam contextualizar concretamente os alunos.” O ambiente educacional não precisa apenas lançar conteúdos com o objetivo de depositar conhecimentos, mas entreter a criança a pensar um determinado assunto a partir da sua realidade, do seu contexto de vivência. Isto pode facilitar a aprendizagem.

Dessa maneira, é de extrema importância que o professor/educador tenha domínio sobre as fases de desenvolvimento da criança, pois “ a identificação de cada estágio pelo professor permitirá planejar atividades que promovam um entrosamento mais produtivo” (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 15). Isso contribui para que ele busque melhorias na sua prática diária, além de ter a compreensão dos processos evolutivos pelos quais a criança está passando.

3.5 A RELAÇÃO PROFESSOR (A) – CRIANÇA NO CONTEXTO EDUCACIONAL INFANTIL

“O educador se eterniza em cada ser que educa.”

(Paulo Freire)

Nesta seção vamos discutir sobre as práticas docentes na sala de aula, e como este pode se relacionar com o seu alunado para uma aprendizagem significativa. O professor é uma peça de extrema importância na sala de aula, sendo o responsável pelo processo do aprender. Além disto, abre caminhos para novas possibilidades e descobertas no campo da aprendizagem.

Sendo assim, o ofício de educador “é carregado de uma função social” (NUNES; MORAES, 2018, p. 301), tendo então uma grande responsabilidade em suas mãos, que é compartilhar conhecimentos.

Segundo Carvalho *et al.* (2015), historicamente a sociedade enxergava os professores da educação infantil como meros “cuidadores”. Quando iam trabalhar, os pais deixavam seus filhos nas creches e pré-escolas, o que contribuiu para que fosse atribuída a figura de cuidadores aos professores. Além disso, os profissionais não tinham uma formação de qualidade. Poucos docentes eram formados. Somente na década de 90 é que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) em seu artigo 62 (BRASIL, 1996) define a obrigatoriedade de formação específica para atuar no campo da educação.

Nos dias atuais, esse pensamento ainda prevalece. Para algumas pessoas, o educador da educação infantil se limita somente a cuidar da criança, mantendo a ideia de que é só produzir atividade de desenhos, pinturas e brincadeiras. Esses elementos são importantes e possuem objetivos específicos de aprendizagens, mas o responsável pela turma é dirigente da educação intelectual de seus alunos, não se limitando somente ao cuidar.

Além disso, é possível perceber os avanços que obtivemos no âmbito da formação do professor. Como dito anteriormente, qualquer pessoa que se achasse apta poderia estar na sala de aula. Tempos depois houve a exigência de uma formação para experimentar esse espaço. Portanto, os profissionais precisam estar habilitados de conhecimento para consolidar o processo de ensino e aprendizagem.

Diante disso, é importante destacar a falta de reconhecimento que a profissão docente enfrenta pela sociedade, confrontando-se com grandes desafios, sendo a única profissão que forma todas as outras. Por esse motivo, Borges, Almeida e Mozzer (2014, p. 150) reiteram: “uma das fontes de maior sofrimento do professor: a desvalorização do seu espaço de trabalho, de sua atividade profissional e de si próprio”, não possuindo boas condições salariais, mas ainda assim, está em busca de sempre dar o seu melhor aos alunos.

Segundo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) (2018), a educação infantil é o primeiro contato que a criança tem com a escola. Nesse sentido, irá ocorrer uma adaptação, pois até então o sujeito estava acostumado com o seu vínculo familiar, e nesse novo espaço vai obter novas aprendizagens. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) (2018, p. 38) afirma que na educação infantil a criança possui “direitos de aprendizagens e desenvolvimento”, sendo eles: conviver com pessoas diferentes do seu convívio social, sejam elas adultos ou crianças; brincar diariamente com objetos diferenciados, espaços e pessoas diversificadas; participar efetivamente das propostas educacionais, tendo o educador como

mediador; explorar seus sentimentos, motricidade, a fala, entre outros; expressar aquilo que sente por meio da conversa; e, por fim, conhecer-se ao longo do seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor, e por meio das experiências sociais constituir sua identidade.

De acordo com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) (2018, p. 39), cabe ao educador “refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações.” Sendo assim, esse conjunto de especificidades pode promover o avanço escolar das crianças. Logo o professor tem a responsabilidade de planejar a sua aula com seriedade e comprometimento, tendo em vista que as crianças são seres sociais e possuem o direito de obter uma educação de qualidade, pois a educação pode transformar vidas. O professor precisa acreditar no seu profissionalismo, mesmo diante de tanta desvalorização. O educador tem uma arma poderosa em suas mãos: como é gratificante ver a criança progredindo no seu processo de escolarização.

Segundo Rodrigues (2009 apud WALLON, 1979), “à pré-escola cabe o papel de preparar a emancipação da criança, reduzir a influência exclusiva da família e promover o seu encontro com outras crianças da mesma idade.” Ou seja, a escola cria caminhos para a autonomia da criança e a parceria entre família e escola colabora para que a criança evolua na execução de suas atividades diárias, por exemplo, comer sozinha, escolher a cor de sua roupa e diferenciar os tamanhos dos objetos. Estes são processos interdependentes, mas que precisam de estímulos e ensinamentos para a sua execução. Além disso, no espaço educacional a criança tem contato com outros sujeitos, e estes vivenciam trocas de experiências.

Desse modo, Mahoney e Almeida (2005) destacam alguns pontos importantes que podem ser utilizados pelos professores na sua prática diária de ensino. As autoras salientam que quando o professor acredita no potencial do seu aluno, contribui para que ele deslanche em suas atividades, fazendo com que crie autoconfiança e reconheça as suas habilidades. É importante salientar que no ato do ensino não é somente o aluno que está progredindo, mas também o docente, pois o aperfeiçoamento da prática do professor se dá no dia a dia na sala de aula, além de ter acesso a uma diversidade de saberes através dos alunos.

No entanto, o professor precisa ter eficácia na sua didática. A esse respeito, Marin (2011) afirma que na didática do docente é fundamental que ele saiba se impor na sala de aula, passando confiança para os discentes. O bom docente é aquele que sabe dar uma boa aula e ao final os alunos compreendem tudo o que foi explanado, tendo a convicção de que ele não é o único que possui conhecimento, acreditando que as crianças têm muito a colaborar nas aulas com as experiências e vivências que adquirem no dia a dia. Portanto, “o professor

precisa desempenhar muitas ações para ensinar e tentar assegurar ao máximo a aprendizagem dos alunos” (MARIN, 2011, p. 22).

O processo de ensino-aprendizagem é a ferramenta destaque do educador, e a afetividade, quando faz parte desse desempenho, contribui para que o aluno se interesse de forma prazerosa pelas suas obrigações. Logo a afetividade do professor para com o aluno atrai a confiança, aproximação e afeto, o que desperta emoções na criança, fazendo com que esta se sinta segura na relação com o professor, fazendo-a interagir e aprender de forma mais prazerosa e leve.

Com referência à aprendizagem, o aluno se direciona à escola com suas próprias expectativas, tendo sua personalidade individual que obtém com as pessoas do seu convívio familiar e social. Neste espaço adquire saberes, de modo que a escola precisa reconhecê-los. Afinal, o aluno é um ser por completo e por isso a escola e o professor precisam enxergá-lo de três perspectivas: afetiva, cognitiva e motora (MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

Posto isto, podemos perceber que o ambiente escolar e a relação com o professor interferem e influenciam muito na aprendizagem da criança e em como ela desenvolve seu lado intelectual. As vivências e experiências dos alunos despertam em si aspectos de sentimento e emoções, por isso a importância da confiança e do afeto entre professor e aluno. Afinal, determinadas situações podem afastar o aluno do professor, e isso causa um desânimo até nas atividades escolares, já que a insegurança ou confiança do aluno com o professor faz ter liberdade para se aproximar mais das aprendizagens.

Paulo Freire (1996) em seu Livro *Pedagogia da autonomia* ressalta que o professor educador, no seu constante preparo, precisa repensar cotidianamente sua prática em sala de aula, só sendo possível avançar quando pensamos no que podemos melhorar, no que podemos levar de novo para os nossos alunos, o que está dando certo, o que está dando errado. Enfim, o professor precisa pensar no seu aluno e em como esse ensino está chegando até ele.

Além disso, o educador pode estar estimulando o seu aluno a “assumir-se” no sentido de ser quem ele é, ir em busca dos seus objetivos e ideais, se revelar como um ser social, que pensa, sente e constrói a sua própria realidade, tendo autonomia para ser quem ele é e lutar pelo que acredita. Ainda no livro supracitado, Freire (1996, p. 19)relata uma experiência educacional que marcou a sua vida:

O professor trouxera de casa os nossos trabalhos escolares e, chamando-nos um a um, devolvia-os com o seu ajuizamento. Em certo momento me chama e, olhando ou re-olhando o meu texto, sem dizer palavra, balança a cabeça numa demonstração de respeito e de consideração. O gesto do professor valeu mais do que a própria nota

dez que atribuiu à minha redação. O gesto do professor me trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir.

Nesse sentido, é perceptível o quanto a atitude do professor marcou Freire na sua trajetória escolar. Esse olhar do professor falou mais do que se ele tivesse utilizado de suas palavras. O professor traz marcas importantes à vida do estudante. O modo como o aluno é tratado na sala de aula conta muito, afinal de contas, eles estão convivendo juntos diariamente. Logo esse docente faz parte da vida do aluno. Por esse motivo, é bom que tanto o professor quanto o aluno tenha uma boa relação de companheirismo na sala de aula, uma vez que no ambiente escolar não está presente apenas o conhecimento, e sim o aluno e professor por completo. Como podemos perceber no relato de Freire, o professor pode ser afetivo na sua diversidade de ações. Em apenas um gesto o educador transformou o dia do seu aluno.

Por outro aspecto, Carvalho *et al.* (2015, p. 14260) vem trazer abordagens referentes à avaliação educacional, afirmando que “a avaliação deve ser entendida como uma ferramenta que proporcione o ensino e aprendizagem, de maneira articulada entre professor e aluno.” Sabemos que a avaliação é que define o nosso desempenho nas atividades escolares e é através desta que o educador vai conseguir perceber as assimilações de conteúdo e os avanços da criança. Sendo assim, o professor necessita ser cauteloso, pois a aprendizagem não se limita somente em uma avaliação. Deve-se considerar todo o processo, as interações na sala de aula, as brincadeiras, a sua desenvoltura e comprometimento com a realização das atividades.

Desse modo, Mahoney e Almeida (2005) reiteram que “a escola é um meio fundamental para o desenvolvimento do professor e do aluno, ao dar oportunidades de participação em diferentes grupos.” Nesse ambiente, o professor-educador conhece diferentes crianças, cada uma com seu modo de ser e de estar no mundo, com vivências diferentes, cada uma do seu jeitinho, e isto contribui para que o professor evolua profissionalmente, pois ali, na prática, ele vai se aperfeiçoando a cada dia.

Miranda e Barreto (2016) afirmam que na etapa da educação infantil é indispensável que o professor/educador construa uma boa relação de convivência com o seu aluno. Ao se aproximar do aluno, o professor passa a conhecê-lo de forma mais completa, além do que o aluno transmite. Sendo assim, o professor também passa a ter confiança no aluno e vice e versa. Esse aspecto afetivo e emocional diz muito sobre a prática do professor como docente e sobre a importância de ter os seus alunos próximos, pois, conhecer o aluno e sua realidade oportuniza o professor a fazer a diferença na vida daquele, tanto educacional como emocionalmente, principalmente pela importância que o aluno põe no professor. Essa relação

de um para com o outro interfere em como o aluno interage com os colegas e como se desenvolve no ambiente escolar.

Dando afeto, cuidado e mantendo uma conexão amigável, o(a) professor(a) faz com que a criança se sinta à vontade para expor as suas dificuldades de aprendizagem, compartilhando situações que não estão sendo favoráveis para ela. Ainda, transmitir afeto, carinho e pureza reabastece a energia do professor, especialmente quando vê o brilho no olhar de uma criança, chamando-o com tanto amor de professor. Isso é satisfatório.

Por outro lado, não podemos dispor da responsabilidade somente nas mãos do educador. A escola, enquanto instância social, é composta por uma equipe pedagógica que pensa, reflete sobre a suas práticas e constrói o seu currículo. Kishimoto (2005, p. 185) diz que: “A construção social do termo ‘currículo’, associado ao programa estruturado e listagem de conteúdos, afastou os educadores da infância da pesquisa de experiências de aprendizagens significativas para a criança pequena.”

A autora esclarece que no PPP (Projeto Político Pedagógico) a escola, muitas das vezes, não constitui a sua própria identidade no âmbito da educação infantil, esquecendo-se de colocar a criança no centro de suas experiências infantis, e acaba engessando como fiel e verdadeiro os documentos com conteúdos de aprendizagens, como afirma a autora supramencionada, o “programa estruturado”. Dessa forma, a escola precisa ter a sua marca na construção de seus PPPs (Projeto Político Pedagógico), e o planejamento se faz necessário pensar no contexto de vida daquelas crianças que estão no ambiente educacional, levando em consideração a realidade da comunidade onde está alocada a instituição. Não é apenas reproduzir os modelos dos documentos oficiais disponibilizados pelo Ministério da Educação (MEC) – eles são importantes, não podemos jamais desmerecê-los, mas a escola necessita ter sua característica individualizada. Afinal de contas, cada local tem sua realidade própria. Logo a gestão escolar precisa pensar nesses aspectos, uma vez que a prática do professor em sala de aula não é construída sozinha.

Em outro sentido, Abramowicz, Levcoitz e Rodrigues (2009, p. 182) afirmam que a pedagogia deve ser marcada pela “pedagogia da escuta, porque respeita mais, prescreve menos e propicia que o encontro se dê pela arte.” Nesse contexto, o pedagogo precisa ter a delicadeza de ouvir suas crianças e dar um novo sentido à sala de aula para que seja um espaço de acolhimento.

Nunes e Moraes (2018, p.302) reiteram que: “A qualidade da relação professor-aluno num processo pedagógico confere, ao objeto a conhecer, um sentido afetivo, a partir da forma com que se realizam essas experiências de aprendizagem.”

Dessa maneira, a relação professor-aluno deve ser baseada no afeto. O professor/educador precisa conhecer o seu aluno, de onde ele vem, conhecer o que ele gosta, criando um laço afetivo de companheirismo. Além disso, é importante motivá-lo, estimulá-lo e acreditar no potencial, fazendo-o acreditar que ele sempre pode ir além e conquistar todos os seus objetivos, com muita força, garra e dedicação.

3.6 ALGUNS APONTAMENTOS EM TORNO DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA ETAPA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO DA PANDEMIA POR COVID-19

*“Eu vejo um novo começo de era
De gente fina, elegante e sincera.
Com habilidade pra dizer mais sim do que
não...”* (Trecho da música Tempos modernos,
Lulu Santos)

Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou estado de pandemia por conta do novo vírus, causador da covid-19, que infelizmente vem ceifando muitas vidas, o que levou ao fechamento de todas as escolas. Desse modo, a educação teve que tomar um novo rumo, havendo assim uma readaptação, e as aulas começaram a acontecer de forma remota, através de algumas plataformas digitais, a exemplo do *WhatsApp* e *Google meet*.

Não tem sido uma tarefa fácil não ter o contato presencial com os alunos em sala de aula para discutir ideias e sanar dúvidas. No momento, as plataformas digitais têm sido grandes aliadas para dar prosseguimento ao ensino e, mesmo com algumas limitações, essa tem sido a melhor maneira de não parar a educação. No entanto, o professor tem encontrado grandes desafios em meio a esse processo, pois exigiu que ele se aperfeiçoasse no uso das tecnologias para levar sua prática pedagógica até os seus alunos.

Segundo Souza e Ferreira(2020, p. 10):

A pertinência de se estabelecer o convívio entre processos presenciais e não presenciais de atividades curriculares, contudo, no específico da pandemia, esse se realizaria como não presencial, em ambiente virtual. Essa configuração não se espelha como a oferta de educação a distância, vez que essa requer um *design* de aprendizagem que favoreça a interação online de construção de conhecimento escolar e aprendizagem, bem como de registro dos conteúdos, tarefas e monitoramento pelo docente, além de, em alguns formatos, a ocorrência de encontros presenciais em polos de apoio.

Ou seja, o ensino remoto nos dá a possibilidade de seguir em frente com nossas atividades curriculares. Sendo assim, é um meio que os professores têm de disponibilizar aulas teóricas para os seus alunos.

O grande desafio dos professores é encontrar formas de garantir o processo de ensino e aprendizagem para os seus alunos, além disso, os docentes se reiventaram rapidamente, expondo as suas aulas por meio de vídeos, áudios, cards, justamente para dar prosseguimento com o aprendizado das crianças e as mesmas não fiquem prejudicadas no seu processo de escolarização. A família tem sido uma grande aliada nesse momento. Em grande parte, está em casa auxiliando as crianças a realizarem as suas atividades, dando todo o suporte, estando mais presente no avanço educacional (CUNHA; FERST; BEZERRA, 2021).

Nesse sentido, alguns alunos acabam apresentando dificuldade de conciliação das aulas remotas com outras atividades do seu cotidiano. Já os professores têm enfrentado uma grande batalha em dar aula, dar conta dos afazeres diários, e ainda assim cuidar dos filhos, fazer planejamento de suas aulas, entre outras. Logo é perceptível a sobrecarga diante do professor, pois com o ensino emergencial o seu trabalho enquanto educador tem triplicado. Além de planejar, ele tem que se preocupar em organizar seus cards, produzir vídeos autoexplicativos sobre os conteúdos ou atividades, etc. (SANTOS; ZABOROSKY, 2020).

Além disso, Silva e Teixeira (2021) em seus estudos afirmam que, os professores em sua grande maioria carece da manipulação tecnológica, uma vez que, a sua formação não foi direcionada para o ensino remoto, pois as aulas são pensadas para o modelo presencial. Mas se fez necessário correr contra o tempo para aprender novas técnicas de computação.

Sem contar que, alguns alunos estão sem acesso à internet o que impossibilita de estar acompanhando as aulas remotas, isso gera preocupação no professor, em não estar vendo alguns alunos participando da aula. A tecnologia é boa, mas infelizmente ainda não está a disposição de todos o que acaba limitando o educando no seu processo de aprendizagem.

Diante disso, é possível acreditar que o professor vem buscando manter uma boa relação com seus alunos perante o cenário desafiador o qual estamos vivenciando. Este tem exigido de nós amor, empatia e compaixão pelo nosso próximo. Neste sentido, o professor tem buscado dar o seu melhor para obter êxito no âmbito da aprendizagem dos seus alunos. Afinal, vivemos um momento delicado, onde todos precisamos nos acolher e manter a fé de que tudo isso logo logo irá passar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante a leitura dos artigos e livros, chegou-se à conclusão de que a afetividade é essencial na vida do ser humano, e a sua inserção no contexto da sala de aula pode trazer ótimos benefícios do campo da aprendizagem. Um ambiente cheio de afeto possibilita que o aluno se sinta à vontade e acolhido, e nós seres humanos gostamos de estar em espaços nos quais nos sentimos bem.

Na prática educativa a presença da afetividade é indispensável. Nós somos afetuosos em tudo que realizamos, logo a escola, enquanto equipe, precisa redirecionar o seu olhar diante do afeto. Os alunos precisam ser enxergados como pessoas completas no espaço escolar, compreendendo que corpo e mente são inseparáveis no campo da aprendizagem.

Nesse sentido, a relação professor-aluno deve ser pautada no afeto, e o conhecimento da teoria Walloniana pode contribuir para que esse educador repense as suas práticas pedagógicas na sala de aula e a conexão que ele estabelece com esse aluno, podendo esta ser baseada na amizade.

Além disso, os estágios de desenvolvimento nos levam à compreensão de que a criança depende de estímulos externos sociais. Por isso que o âmbito familiar e social são tão relevantes e a escola atua como um fator importante nesse processo de evolução.

A escola, juntamente com a sua equipe pedagógica, deve buscar sempre estimular e motivar esse aluno, fazendo com que ele reconheça o seu potencial, encorajando o educando a dar o seu melhor no desenvolvimento de suas atividades. Além do mais, faz-se necessário entender que cada educando tem o seu próprio tempo de aprendizagem.

Por fim, uma educação pautada no afeto nos oferece a possibilidade de estabelecer uma educação tranquila e prazerosa, tendo como êxito uma educação em que o aluno seja quem ele é, reconheça seu espaço na sociedade e lute pelos seus sonhos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A.; LEVCOVITZ, D.; RODRIGUES, T. Infâncias em educação infantil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60). set./dez., 2009.
- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.
- ALMEIDA, Laurinda. Wallon e a educação. *In*: ALMEIDA, L. **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2000.
- AMARAL, S. Estágio categorial. *In*: AMARAL, S. **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2000.
- BASTOS, A.; DÉR, L. Estágio do personalismo. *In*: BASTOS, A. DÉR, L. **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2000.
- BEZERRA, R. J. L. Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. **Revista Didática Sistêmica**, v. 4, jul./dez., 2006.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: [568http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf)>. Acesso em: 27 ago. 2021.
- CARVALHO, D. *et al.* **Educação infantil: desafios e perspectivas**. V Seminário Internacional sobre Profissionalização docente. 2015.
- CARVALHO, E. M. R. D. Tendências da Educação Psicomotora sob o enfoque Walloniano. **Psicologia ciência e profissão**, v. 23, n. 3, p. 84-89, 2003.
- COSTA, L. Estágio Sensório-Motor e Projetivo. *In*: COSTA, Lúcia. **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2000.
- CUNHA, F.; FERST, E.; BEZERRA, N. **O ensino remoto na educação infantil: desafios e possibilidades no uso dos recursos tecnológicos**, v. 5, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2296/1864> Acesso em: 29 ago. 2021.
- DUARTE, M. P.; GULASSA, M. L. C. R. Estágio impulsivo emocional. *In*: DUARTE, M. P. GULASSA, M. L. C. R. **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2000.
- FILHO, C. K. Motricidade e aprendizagem: algumas implicações para a educação escolar. **Construção Psicopedagógica**. São Paulo, v. 18, n.17. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v18n17/v18n17a05.pdf> Acesso em: 24 ago. 2021.
- FREIRE, C. A. *et al.* **O jogo segundo a teoria do desenvolvimento humano de Wallon**. 2010. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/jogo_teoriam_do_desenvolvimento.pdf Acesso em: 25 ago. 2021.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa . *In: Não há docência sem discência*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GALVÃO. I. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

GIL, A. C. Como Classificar as pesquisas? *In: GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GRATIOT-ALFANDÉRY. H. **Henri Wallon**. Tradução e organização: Patrícia Junqueira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massanga, 2010.

GUERRA, E. L. D. A. **Manual de pesquisa qualitativa**. Ânima educação. Belo Horizonte: EAD Educação a distância, 2014.

KISHIMOTO, T. M. Pedagogia e a formação de professores (as) de Educação Infantil. **Proposições**, v.16, n. 3 (48), set./dez., 2005.

LOOS-SANT'ANA, H.; BARBOSA, P. Dando voz às crianças: percepções acerca do papel da dimensão afetiva na atividade pedagógica. **Rev. bras. Estud. pedagog. Brasília**, v. 98, n. 249, maio/ago., 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S217666812017000200446&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 09 jan. 2019.

MACHADO, M. L. D. A. Criança pequena, educação infantil e formação dos profissionais. **Perspectiva Florianópolis**, v. 17, n. Especial, p. 90-94, jul./dez., 1999.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, Laurinda R. de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psic. Dda Ed.**, São Paulo, 20, 1º sem de 2005.

MARIN, A. J. Didática geral. *In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral*. São Paulo: cultura acadêmica, 2011.

MINAYO. M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MIRANDA, C. d. S. BARRETO, M. de R. M. C. Vínculo e afeto: uma contribuição para a aprendizagem no âmbito escolar nas séries iniciais do ensino fundamental. **R. Bras. de Ass. Interdisc.**, v.2, n. 2, jul./dez., 2016.

MOSQUERA, J. J.M.; STOBAÜS, C. D. Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação. **Educação**, Porto Alegre – RS, ano XXIX, n. 1 (58), p. 123-133, jan./abr., 2006.

NUNES, A.; MORAES, J. Relação professor-aluno: a importância da afetividade no contexto educativo na visão docente. **Pensar acadêmico**, Manhuaçu, v. 16, n. 2, jul./dez., 2018. Disponível em: <http://www.pensaracademico.facig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/view/521/636>. Acesso em: 04 out. 2019.

RIBEIRO, M. L. A afetividade na relação educativa. **Estudos de Psicologia**, v. 27, n. 3, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=3953/395335744012> Acesso em: 28 ago. 2021.

SANTOS, J. R. dos; ZABOROSKY, E. A. Ensino remoto e pandemia covid-19: desafios e oportunidades de alunos e professores. **Revista Interações**. NO,55, p. 41-57, 2020.

SILVA, C. TEIXEIRA, C. O uso das tecnologias na educação: os desafios frente à pandemia da covid-19. **Rev. Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n.9, p. 70070-70079, Set/2020.

SOUZA, E.; FERREIRA, L. Ensino remoto emergencial e o estágio supervisionado nos cursos de licenciatura no cenário da pandemia do covid 19. **Rev. Tempos espaços Educ.**, v.13, n. 32, jan./dez., 2020.